

## RESENHA

FREUD, Sigmund. **O homem Moisés e a religião monoteísta**. Trad. de Renato Zwick. Porto Alegre: LP&M, 2014. 187 p.

RECEBIDO 12/02/2018

APROVADO 22/02/2018

PUBLICADO 12/03/2018

Editor Responsável: Carla Caldas

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 2316-8080

DOI:10.16928

## RESUMO

A resenha considerou a tradução feita pela LP&M do livro de Freud *O homem Moisés e a religião monoteísta*, antes publicada no Brasil no volume XXIII das *Obras Completas* da Imago Editorial, do Rio de Janeiro, lançada nos anos 70. Essa tradução é mais elegante, poética e viva que a utilizada nas *Obras Completas*, que foi feita a partir da edição inglesa mais empirista e em linguagem mais pedante. O livro pretendia explicar porque os judeus foram perseguidos ao longo da história. Freud encontra a razão na forma de viver a religião judaica, ainda próxima da forma psicológica que, na visão de Freud, explicava a origem das religiões, a morte do macho alfa do grupo pelos irmãos seus filhos e, posteriormente, a incorporação de sua imagem e interdições de caráter moral na psicologia do grupo. Esse processo foi trabalhado a partir do esquema neurótico e da observação freudiana de que a doença vinha do retorno simbólico dos fatos esquecidos à força ou reprimidos. Para isso, Freud reconta a história de Moisés ligada à formação do povo judaico, afastando-se do texto bíblico para justificar a existência de dois Moisés, fundidos em um, e duas religiões de origem, uma trazida do Egito e outra vivida na região do Sinai. Os elementos delas foram fundidos, mas a maior parte da religião egípcia, do deus Aton, foi esquecida e, mais tarde, recuperada no movimento profético. As explicações de Freud foram muito contestadas pela intelectualidade judaica e por filósofos como Martin Buber. A maior dificuldade dessa obra está em que ela emprega categorias elaboradas por Freud para entender o mundo mental na análise de questões sociológicas, históricas, antropológicas e religiosas. Isso significou o uso inadequado dessas categorias não ajustadas aos objetos analisados, dando ao trabalho a aparência de superficialidade.

**Palavras-chave** : Religião. Judaísmo. Psicologia. Antropologia. Freud

## RESUME

La revue a examiné la traduction faite par LP & M de *L'Homme Moïse et de la Religion Monothéiste* de Freud, précédemment publié au Brésil dans le Volume XXIII des Éditions complètes d'Imago Editorial, Rio de Janeiro, lancé dans les années 1970. Cette traduction est plus élégante, poétique et vivante que celui utilisé dans les œuvres complètes, qui a été faite à

partir de l'édition anglaise la plus empiriste et dans un langage plus pédant. Le livre est destiné à expliquer pourquoi les Juifs ont été persécutés à travers l'histoire. Freud trouve la raison dans la manière de vivre la religion juive, toujours proche de la forme psychologique qui expliquait l'origine des religions, la mort du mâle alpha du groupe par ses frères et sœurs, et plus tard l'incorporation de son image et de ses interdits moraux en psychologie de groupe. Ce processus a été élaboré à partir du schéma névrotique et de l'observation freudienne que la maladie provenait du retour symbolique des faits forcément oubliés ou refoulés. Pour cela, Freud raconte l'histoire de Moïse liée à la formation du peuple juif, loin du texte biblique pour justifier l'existence de deux Moïse, fusionnés en un seul, et deux religions source, on a l'Égypte et l'autre a vécu dans la région Sinaï. Les éléments d'en source, on a l'Égypte et l'autre a vécu dans la région Sinaï. Les éléments d'entre eux ont été fusionnés, mais la plupart de la religion égyptienne, le dieu Aton, a été oublié et retrouvés plus tard dans le mouvement prophétique. Ce processus a été élaboré à partir du schéma névrotique et de l'observation freudienne que la maladie provenait du retour symbolique des faits forcément oubliés ou refoulés. Pour cela, Freud raconte l'histoire de Moïse liée à la formation du peuple juif, s'éloignant du texte biblique pour justifier l'existence de deux Moïse, fusionnés en un, et deux religions originales, l'une amenée en Égypte et l'autre vécue dans la région de Sinaï. Les éléments d'entre eux ont été fusionnés, mais la plupart de la religion égyptienne, le dieu Aton, a été oubliée et plus tard récupérée dans le mouvement prophétique. Les explications de Freud furent largement contestées par l'intelligentsia juive et par des philosophes comme Martin Buber. La plus grande difficulté de ce travail est qu'il emploie des catégories élaborées par Freud pour comprendre le monde mental dans l'analyse des questions sociologiques, historiques, anthropologiques et religieuses. Cela signifiait l'utilisation inappropriée de ces catégories non ajustées aux objets analysés, donnant à l'œuvre l'apparence de superficialité.

**Mots-clés:** Religion. Judaïsme. Psychologie. Anthropologie. Freud

A editora LP&M lançou uma nova tradução do livro de Sigmund Freud que se encontra no volume XXIII das *Obras Completas* da Imago Editorial, do Rio de Janeiro, publicada nos anos 70. A nova tradução é mais elegante, poética e tem linguagem mais viva que a utilizada nas *Obras Completas*, que fora traduzida da tradução inglesa e concebida numa linguagem mais empirista e pedante que o texto original. *O homem Moisés e a religião* monoteísta segue a linha de outros anteriormente traduzidos pela LP&M como *O mal-estar na cultura* e *O futuro de uma ilusão*, que igualmente abordam o diálogo de Freud com a Antropologia, a Sociologia e a Religião. O texto original de *O homem Moisés e a religião monoteísta* foi pensado como romance histórico e escrito num estilo literário nada adequado aos textos científicos, pois o autor pretendia tocar em questões profundas, sublimes e inquietantes, algumas relacionadas à sua experiência pessoal. Assim, a tradução inglesa, que foi um trabalho indireto de tradução, perdeu muito da beleza, originalidade e profundidade do texto original, agora resgatado com essa nova tradução direta do alemão.

Essa nova tradução teve ainda o mérito de incluir dois comentários esclarecedores: *um itinerário para uma leitura de Freud* de Paulo Endo e Edson Souza e um *prefácio* escrito por Betty Bernardo Fuks. O primeiro destaca a novidade representada pela psicanálise entre as teorias psicológicas desenvolvidas no século passado e realça a capacidade dessa teoria para iluminar outras áreas do saber. A noção de inconsciente de Freud, como assinalam os comentadores, representou “uma ruptura epistemológica” (p.

8) com a visão da neurofisiologia prevalente na Psicologia da época. Não se tratava simplesmente de apresentar o inconsciente, outros já o haviam identificado, “mas de explicar seu dinamismo e estabelecer uma clínica que tivesse o inconsciente como núcleo”. Quanto ao livro mesmo, observam os dois comentadores, além de sua contribuição aos estudos psicanalíticos, ele faz um “reexame das teses historiográficas basilares da cultura judaica e da religião monoteísta a partir do arsenal psicanalítico”. O outro texto introdutório é o prefácio. Trata-se de um trabalho mais longo e de maior envergadura, que entra em questões que merecem ser comentadas porque ajudam a compreender o livro de Freud. Deve-se lembrar que *O homem Moisés e a religião monoteísta* foi escrito nos últimos momentos de uma liberdade incomum vivida pela comunidade judaica durante mais de duzentos anos na Europa central. Essa liberdade iniciada no século XVIII terminou com o nazismo e a repressão nazista fez Freud evitar a publicação do texto, por algum tempo, temendo que sua publicidade aumentasse a perseguição à psicanálise. O livro entra na delicada questão dos motivos que historicamente levaram à perseguição dos judeus ao longo da história. Além do mais nascia no momento de uma segunda dor, a dissidência de Carl Gustav Jung, circunstância que leva o autor a se identificar com o irascível Moisés que diante do povo idólatra impôs à Espada o culto ao Deus sem imagens. Quanto ao livro mesmo ele foi escrito em três ensaios, possuindo no último maior extensão e uma composição incomum, dois prefácios e duas partes. Além das explicações sobre a figura histórica de Moisés, a prefaciadora lembra que Freud retomou o problema da origem das religiões a partir do funcionamento do aparelho psíquico. Ela ainda explica que o livro teve os dois primeiros ensaios publicados separadamente, “ambos movidos pelo desejo de extrair o estrangeiro do centro da familiar identidade judaica”. E a autora comenta também as partes nas quais o texto se afasta da interpretação bíblica: a existência de dois Moisés, a religião judaica ter origem em dois deuses distintos: Jeová e Aton, o primeiro semita e o segundo egípcio e a origem egípcia de Moisés. Em relação a esse último assunto, o texto de Freud pretendeu esclarecer o caráter estrangeiro do judeu. Como Moisés inventa a nacionalidade judaica “todo judeu está para além da raça, da língua e do essencialismo”. Assim Freud explicou o motivo do estrangeiro estar no centro da identidade judaica.

O primeiro ensaio é pequeno, foi escrito em pouco mais de dez páginas. O título é *Moisés, o egípcio*, revelando a compreensão de Freud de que a origem nacional do criador do monoteísmo judaico não é judaica. E Freud começa a contestação pelo nome que não é judaico, mas egípcio, significando filho de... Assim, temos a maior probabilidade de que um “portador de um nome egípcio fosse ele próprio um egípcio” (p. 35). Freud reconhece que apenas o nome não assegura a origem de Moisés e completa suas observações mencionando um livro de Otto Rank, psicanalista que considerava o caráter lendário ou mitológico de todos os fundadores dos povos. E entre os vários personagens comentados por Rank se destacava o Rei Sargão de Agade, cuja origem nas águas e o ser adotado no palácio o conduziu à condição de Rei da Babilônia. E essa lenda tão semelhante à de Moisés não é única, há outros casos nos quais uma criança abandonada foi adotada por uma família real e se tornou governante. Também para os medos, “Ciro é um conquistador estrangeiro, pela via da lenda do abandono, ele se transforma em neto do rei medo” (p. 39). Na lenda bíblica, a história tem o mesmo enredo, o filho de uma família humilde vai parar nas águas e é adotado pela filha do faraó

tornando-se um príncipe do Egito. Isso leva Freud a concluir que Moisés é um egípcio. Apesar do esforço em estudar as lendas originárias dos povos, ainda assim não se pode dizer que pela semelhança com tantas outras lendas Moisés fosse egípcio. Isso o obriga a buscar melhores justificativas.

O segundo ensaio bem mais longo que o inicial denomina-se *Se Moisés era um egípcio...* Ele começa fazendo uma síntese do anterior: “afirmei que da hipótese de que Moisés havia sido um egípcio se derivavam conclusões importantes e de grande alcance, mas que eu não estava pronto para defendê-las publicamente, pois repousavam em possibilidades apenas psicológicas e que carecem de uma prova objetiva” (p. 45). O fato de Moisés haver se feito líder de um povo atrasado e abandonado o seu país, reforçou, até para os egípcios, a convicção de que ele era estrangeiro. E se fora criado entre os egípcios é natural que praticasse uma religião egípcia, sendo importante explicar porque ele ensina algo diferente da religião egípcia. Ela proclama um Deus único, “onipotente e inacessível, de quem não se suporta a visão, não é permitido fazer qualquer imagem sua e nem sequer pronunciar seu nome” (p. 46). No Egito, diversamente, habitavam muitos deuses com origem e dignidade distintas, alguns objetos naturais como o sol, a lua, o céu ou a terra. A religião de Moisés condenava todo tipo de bruxaria, que estavam presentes nas religiões egípcias. Essas diferenças, considerando-se que Moisés deu aos judeus uma religião egípcia pede uma explicação. Freud a formula assim: “é possível que a religião que Moisés deu ao povo judeu fosse, afinal sua própria religião, uma religião egípcia, embora não a egípcia”. E então, de que religião estamos falando? Freud julga que fosse a religião de um jovem faraó Amenófis IV, que governou por volta de 1375 a. C. Ele implantou no Egito um monoteísmo rigoroso contrário ao politeísmo milenar e aos hábitos locais de vida. Antes dele governar, o grande conquistador Tutmés III, levava as fronteiras do Egito para bem longe. O fato do Egito haver se tornado uma grande potência universal, com o faraó governando sobre povos estrangeiros desde a Síria até a Núbia, ajudou a popularizar a ideia de um Deus universal, como o era o poder do faraó. A extensão do Império dava a esse Deus o caráter de universalidade. Amenófis IV louva o sol como o criador, embora não se refira a um objeto material, mas o toma como expressão de um Deus cuja energia se manifesta nos raios de sol e assegura a vida, intuição que precedeu a descoberta dos efeitos da radiação solar. Esse rei fez algo novo e notável, ele não apenas assume a ideia de um Deus universal, mas faz dele único, um Deus que não tem outro a seu lado. Assim, “ele acrescentou algo novo que permitiu que a doutrina do deus universal só então se transformasse em monoteísmo” (p. 51). Essa religião se desenvolveu lentamente durante o reinado de Ikhnaton, que reprimiu com força crescente qualquer oposição e chamou deus de Aton. Assim permaneceu por algum tempo até que depois de um período de anarquia, por volta de 1350 a. C., a antiga religião foi restabelecida e a religião de Aton abolida. Para Freud, é essa religião extinta que Moisés transmitiu aos judeus. Explicou Freud (p. 54): “se Moisés era um egípcio e se transmitiu aos judeus sua própria religião, essa era de Ikhnaton, a religião de Aton”. Embora essa religião tenha deixado poucos vestígios entre os egípcios, e ela somente tenha ganho configuração mais completa entre os judeus por volta do ano 800 a. C., Freud entende que se possa identificar as duas. Se substituirmos o nome Adonai (Deus de Israel) por Aton essa configuração inicial devia ser, para Freud, a religião que Moisés transmitiu ao povo. A razão apresentada é que embora fosse um monoteísmo universal, na versão inicial essa religião nada falava da vida após a morte, o que seria esperado de um monoteísmo

com tal configuração, mas essa recusa de tratar da vida após a morte era característica da religião de Aton. Isso decorria do propósito de combater a crença em Osíris, o deus dos mortos, um dos mais importantes e populares deuses da religião tradicional. Além dessa característica, o costume da circuncisão, que era um hábito egípcio bem arraigado, foi transmitido aos judeus por Moisés. A Bíblia o liga aos tempos de Abraão, mas Freud julga que isso não invalida o fato de que esse costume era popular e universal entre os egípcios. Além disso, não há evidência de que os judeus tivessem assimilado esse hábito e o praticassem antes de saírem do Egito. Então não faria sentido sua introdução depois que saíram de lá, isso é ainda mais verdade se o propósito de Moisés fosse simplesmente libertar o povo para lhes dar uma existência autônoma. O costume penoso apenas serviria para lembrar o tempo em que estiveram sob o antigo dominador. Porém sua manutenção poderia ser explicada se fosse associada à crença religiosa egípcia, razão adicional proposta por Freud. A hipótese de que Moisés fora criado na corte do faraó, significa que ele era da alta nobreza ou da família real e fora treinado para liderar. Talvez aspirasse tornar-se faraó, mas com a completa destruição da religião de Aton, depois da morte de Ikhnaton e antes de Harehhab restabelecer a autoridade estatal, pareceu-lhe mais razoável iniciar um novo Império, mantendo-se fiel a sua fé do que abandoná-la e permanecer no Egito. Para Freud foi o que ocorreu. Um êxodo pacífico somente aconteceria nesse período, por volta do século XIII a. C., precisamente quando se supõe que tenha ocorrido. Nos séculos posteriores os faraós governaram com grande severidade. Assim, na condição de líder prestigiado, Moisés assumiu a liderança das tribos semitas e as conduziu para fora do Egito de uma forma completamente distinta da apresentada no livro do Êxodo (p. 59): “caberia supor que esse êxodo ocorreu de maneira pacífica e sem perseguição. Ele foi possibilitado pela autoridade de Moisés, e não existia na época um poder central que pudesse impedi-lo”.

O destino dessa migração teria que ser Canaã, uma região do antigo Império egípcio que fora ocupado por tribos guerreiras de arameus. Além disso, ao sul da palestina viviam tribos parentes das que saíram do Egito sob o comando de Moisés. Por isso, as castas religiosas judaicas posteriores, que negaram que Moisés lhe transmitira uma religião egípcia também precisavam explicar a introdução do costume da circuncisão. É possível que os primeiros compiladores do texto desconhecêssem a origem egípcia do costume, mas isso foi feito no episódio em que Deus se aborrece com Moisés e ele foi circuncidado pela mulher para ser salvo da ira divina. Quanto ao temperamento de Moisés o mais provável é que ele fosse um homem colérico, isto é, que se irrita facilmente. E, parece razoável a Freud, (p. 63): “que muitos traços de caráter que os judeus introduziram na ideia inicial de seu deus, ao chamá-lo de ciumento, severo e implacável, no fundo terem sido tomados da lembrança de Moisés”. Por outro lado, o Moisés que conduz o povo até Canaã está ligado às cidades de Cades e Midiã. Ele eleva uma serpente de bronze no acampamento, para proteger do ataque de serpentes. Ele age de forma diferente do homem que guiou o povo do Egito, condenando toda prática de feitiçaria. E outro motivo proposto por Freud é que se instaurou uma tradição de que Moisés foi morto numa das revoltas contra o fundador da religião. Tratava-se de uma religião muito espiritualizada, incapaz de oferecer conforto para aquele momento e por sua vez, o rigor com que foi imposta estimulou as revoltas contra o líder. Mais tarde, será essa ideia do deus de Moisés que os profetas propagarão e que, recuperada, permanecerá integrada ao judaísmo. E, no

que se refere ao povo que foi para Canã, parte não viveu a experiência do Egito, pois eram membros de tribos parentes das que de lá vieram e às quais se juntaram para formar o povo de Israel. Encontra-se nisso, para Freud, a razão do povo haver se dividido depois de se estabelecer em Canã em dois Reinos, o de Judá e o de Israel. Por sua vez, o deus das tribos que viviam fora do Egito era Jeová. Apenas alguns costumes e elementos da religião de Aton, a circuncisão entre eles, entraram no culto a Jeová por concessão aos sacerdotes das tribos que vieram do Egito. Somente mais tarde, o aspecto ético da religião de Aton, o monoteísmo e o propósito de (p. 84): “uma vida na verdade e na justiça (são postos) como a mais alta meta para os seres humanos” foram recuperados. No texto bíblico, para evitar referências a Cades, a origem da religião foi associada ao episódio do Sinai e a figura do antigo líder justaposta ao novo. Assim, além da concessão aos líderes que vieram com Moisés do Egito (p. 82): “também se desmentia com sucesso o fato de sua eliminação violenta”.

Freud enxergou no estudo das tradições bíblicas que denominavam Deus de Jeová e Eloim, a confirmação de que originalmente se tratavam de dois deuses. A partir desse ponto do ensaio, Freud se ocupa de mostrar como no texto bíblico se fundem a ideia de dois Deus e dois líderes num único Deus e líder. O segundo Moisés descrito como manso e paciente não podia ser a mesma pessoa que conduziu o povo para fora do Egito e cujas manifestações de descontrole emocional são seguidamente relatadas. Temos assim a história do povo judeu recontada por Freud (p. 87): “duas massas populares que se reúnem para formar a nação, desagregação dessa em dois reinos, dois nomes para Deus nos textos fontes da Bíblia, as quais acrescentaremos duas: duas fundações de religião (...) e dois fundadores de religião, ambos chamados pelo mesmo nome, Moisés, e cujas personalidades temos de separar uma da outra”. A tradição, parece-lhe, fundiu os líderes e a religião numa coisa única. Do ponto de vista doutrinal esse processo se daria mais tarde com a tradição Deuteronomista, código sacerdotal, que foi composta depois de 586 a. C., quando o templo foi destruído. As tentativas de conciliação irão alterar e modificar os textos anteriores, neles introduzindo mandamentos e instituições daqueles dias como forma de lhes assegurar legitimidade psicológica.

O último ensaio é maior que os dois primeiros juntos e foi composto em duas grandes partes. O primeiro possui duas notas preliminares. Na primeira delas, Freud comenta que a crença em Deus foi extirpada da Rússia comunista, mas que foram impostas outras formas de coação e de controle da livre investigação, o que não favoreceu como poderia a expansão da psicanálise. Na segunda nota o autor expressa sua convicção que, desde a publicação de *Totem e Tabu*, em 1912, ficara convencido de que (p. 93): “os fenômenos religiosos só podem ser compreendidos segundo o modelo de nossos conhecidos sintomas neuróticos do indivíduo, isto é, como retorno de acontecimentos significativos, há muito esquecidos, da pré-história da família humana”. Esse entendimento, avaliou Freud, se posto a público poderia provocar mal-estar na Igreja Católica, sob cuja proteção ele vivia em Viena naqueles dias. Por isso, explica, adiou a publicação até que um momento mais favorável surgisse. Depois dessas notas ele fez um resumo dos ensaios anteriores concluindo no ponto em que chegara no segundo ensaio (p. 103): “as doutrinas mosaicas que de início não receberam atenção, mas que entraram em vigor após o transcurso de um longo intervalo e, por fim, se impuseram de maneira permanente”. O que explicaria essa dinâmica?

O terceiro ensaio procura responder essa questão. Freud começa recordando em que consiste uma neurose pós-traumática, ela se desenvolve algum tempo depois de um acontecimento doloroso. Isso que aparentemente nada tem a ver com a história contada até aqui se torna chave de interpretação. Ele usa esse raciocínio para explicar o fato bíblico. Em resumo, as tribos que deram origem a Israel tinham motivos diferentes, mas importantes para esquecer o que se passara com o líder que conduzira o povo na saída do Egito. E, para ocultar sua morte, deixaram de lado os elementos da religião de Aton, que viera com a parte que migrara do Egito. Com o passar dos anos, essa religião inicial recusada será, gradualmente, recuperada e Jeová, o Deus vulcânico da Península do Sinai, vai tomando a forma do deus de Moisés. Esse processo pode ser comparado com o que se passou em outros povos, mas uma analogia com o universo psicológico parece ao autor uma prova melhor. Chamamos traumas a experiências dolorosas que são esquecidas, mas que depois retornam. Freud explica (p. 110): “a gênese da neurose remonta sempre e por toda parte a impressões infantis bastante precoces”. O desafio, no caso em análise, é entender se há algo próprio das experiências traumáticas, uma vez que fatos traumáticos para uns podem não ser para outros. Freud explica que os traumas neuróticos têm origem na primeira infância, especialmente entre 2 e 4 anos, são esquecidos pois se referem a impulsos sexuais ou agressivos. Quanto aos fenômenos neuróticos que daí decorrem seus efeitos podem ser repetidos, provocando a tendência ou compulsão à repetição, mas que também são esquecidos por serem muito duros. As lembranças indesejadas promovem reações defensivas. As fugas dessas lembranças reprimidas ou esquecidas se concretizam nas inibições e fobias que não obedecem ao pensamento lógico e nem respondem à realidade externa. Raramente a neurose se mantém do mesmo modo da infância até a vida adulta, normalmente há um período de latência em que o desenvolvimento da pessoa não revela os efeitos desse trauma. É o que acontece com uma criança muito nova que havendo presenciado cenas sexuais dos pais tenta revivê-las com a mãe, mas sendo repreendido por ela passa a ver o pai como ameaça. Essa criança tende a esquecer esses fatos, o desejo e a repressão, e passa o resto da infância de forma tranquila, mas na adolescência desenvolve uma impotência sexual. Em outras palavras, conteúdos agressivos e/ou sexuais (p. 119): “que deixaram consequências permanentes, mas que na maioria dos casos foram rechaçados, esquecidos, e mais tarde, após longa latência, entraram em ação e produziram fenômenos semelhantes a sintomas em sua estrutura e tendência”. Freud acreditou que esse mecanismo psicológico poderia ser aplicado ao que se passa nas hordas primitivas. Assim concluiu da leitura de Darwin, que dizia que nessas tribos, o macho principal era dono de todas as mulheres e expulsava ou cadastrava os filhos rebeldes. Algumas vezes, os filhos pequenos eram protegidos pela mãe e conseguiam permanecer no grupo e substituir o velho líder quando de sua morte ou envelhecimento. Uma variação dessa organização vem com a reunião dos irmãos ameaçados que, reunidos num grupo, atacam e matam o velho pai e, em seguida, o devoraram. De forma simbólica realizaram o comportamento observado na psicanálise onde se constata que a criança não só teme, mas tem o pai como modelo. A evolução desse modelo social vem com a renúncia dos impulsos agressivos contra o pai e a recusa do desejo de possuir a mãe e as irmãs. Freud avalia que esse processo está na origem da religião totêmica. Ele diz (p. 122): “estamos autorizados a reconhecer no totemismo (...) a primeira manifestação da religião na história humana, e confirmar sua ligação, existente

desde início, com configurações sociais e obrigações morais”. Embora seja difícil a comprovação histórica dessa interpretação Freud julga que elas tenham boas evidências de serem verdadeiras. E elas revelam uma fixação, na história familiar e retorno do material esquecido depois de muito tempo, como se observa na neurose e psicose, pois também nessa última se observou que a ideia delirante tinha conteúdos de verdade esquecida.

Todo esse esquema psicanalítico seria adotado na explicação do monoteísmo, considerando-se, inicialmente, sua origem no poder universal dos faraós, mas que foi desvinculada da questão territorial e assumida pelo povo judeu. Depois de um período de latência, a crença ressurgiu e é guardada como patrimônio de um povo que se sente escolhido por Deus. Freud enxerga na crença cristã, construída pelo judeu Paulo de Tarso, uma fantasia compensatória do mecanismo psíquico antes descrito, a morte de Deus seria o pecado original e a morte do filho o ritual de expiação dessa culpa primitiva. Nesse sentido, Cristo é o representante dessa fantasia de expiar a morte do pai primitivo. E, por sua vez, a comunhão cristã (p. 127): “repete o conteúdo da refeição totêmica, mas apenas em seu sentido terno, que exprime adoração, e não em seu sentido agressivo”. Se o judaísmo foi a religião do pai, o cristianismo é a do filho. Com Paulo a nova religião realizou um regresso à sua formação inicial, recusando a mediação do povo judeu e se estendendo a toda a humanidade. Isso mereceu de Freud a seguinte avaliação (p. 129): “com relação ao retorno do recalcado, o cristianismo foi um progresso, e a religião judaica, a partir daí, foi em certa medida um fóssil”. Parece-lhe crível que o arrependimento pela morte de Moisés fez surgir, entre os judeus, a fantasia do Messias. Se Moisés foi o primeiro messias, Cristo foi seu substituto. A perseguição aos judeus, observada ao longo da História, tem origem no ciúme que se originou da crença judaica de ser povo escolhido. Se o eixo do raciocínio se limita às religiões judaica e cristã, Freud entende que o islamismo repete o mesmo esquema e que as religiões racionais do oriente são também uma variação desse culto ancestral.

Na segunda parte do ensaio Freud fez uma recapitulação de suas afirmações sobre a nacionalidade de Moisés e outros temas, reescrevendo e ajustando as ideias. Ele explica que dos povos antigos que viveram entorno do Mar Mediterrâneo, o povo judeu é o único que conserva o nome e a mesmas características dos tempos antigos, revelando grande capacidade de resistir às perseguições. Ao se declarar o preferido do Pai temido, não é difícil entender o ciúme dos outros povos. O fato do Messias também vir desse povo não ajudou a superar a discriminação, antes trouxe mais ódio aos judeus. A tenacidade do povo judeu era uma característica de Moisés e foi transmitida por ele. Fica, por explicar, o que é um grande homem, capaz de realizar façanha tão relevante como a liderança no êxodo. Não se pode encontrar uma resposta convincente nos talentos do indivíduo, nem na sua inteligência e nem nos seus feitos. Para Freud, os traços de um grande homem como Moisés (p. 152): “são traços paternos e que nessa correspondência consiste a essência do grande homem, por nós buscada em vão”. E a morte de Moisés, que havia impregnado seu Deus com características próprias, apenas repetiram o ritual ancestral. A recuperação de sua religião foi um processo da psicologia de massa, onde muitas pessoas recuperaram a religião de Moisés em troca de recompensas psicológicas como a de sentir um povo escolhido por Deus. Essa crença foi fortalecida na história dos judeus com a festa da Páscoa e evocada para testemunhar a preferência de Deus, ao mesmo tempo que lhe garantia a presença de um Deus especialmente poderoso. Entre as prescrições de



Moisés para comprovar a grandeza de Deus (p. 156): “estava a proibição de fazer uma imagem de Deus, ou seja, a coação a adorar um deus que não se pode ver”. Isso de alguma forma reforçou a ideia de espiritualidade pela preterição da percepção sensível. Esse processo de espiritualização se passa com a substituição da figura materna pela paterna, processo vivido por outros povos como os gregos, na maldição da Oréstia de Ésquilo. A figura materna é demonstrada pelos sentidos, mas a paterna representa um progresso cultural de valorização da abstração. Com o aumento da espiritualidade (p. 158): “Deus foi elevado a um nível superior de espiritualidade”.

Freud lembra que quando se deixa de atender um impulso por risco externo isso causa desprazer, mas que quando isso decorre de uma interdição do supereu então além do desprazer, a interdição traz a sensação de satisfação. Nesse sentido, a figura de Moisés funciona como uma espécie de supereu, embora a elevação espiritual pelo retorno a seu deus não seja coisa o mesmo que a renúncia dos impulsos no universo psicológico. Aos poucos processa-se a seguinte mudança (p. 162): “a religião que começou com a proibição de fazer uma imagem de Deus evolui sempre mais no decorrer dos séculos para uma renúncia dos impulsos”. Ou seja o ideal de ser justo e virtuoso significa a renúncia dos instintos. O totemismo propôs uma limitação ao acesso sexual da mãe e irmãs e trouxe como produto a convivência pacífica entre os irmãos. Porém, independente da forma assumida pela religião, quando a sociedade e o supereu estabelecem o que é bom ou mau o que faz é interditar o instinto que ameaça o pai. O propósito da exogamia era a vontade do pai primitivo e continua presente na sociedade. A religião ensinará a interdição como sendo um propósito que Deus introduziu no coração do homem. Essa interdição funciona no processo de identificação dos filhos com os pais. Uma menina no início da vida está identificada com a mãe, mas aos poucos se afasta dela e a contesta. Com o tempo e depois de ter seus próprios filhos, ela se torna cada vez mais parecida com sua mãe. Quanto ao sucesso do recalçamento, Freud esclarece que ele é parcial, pois quase sempre a restrição é vencida por uma satisfação substituta porque o supereu não identifica a ameaça presente. Na neurose esse reaparecimento do reprimido é o sintoma.

Nas últimas páginas do ensaio Freud explica que retomaria aspectos já mencionados no decorrer do livro e recorda que o fundamental das teses psicológicas agora comentadas já se encontrava em *Totem e Tabu*. Ele explica que há diferenças entre o retorno do recalçado no caso dos povos primitivos e na crença num elemento perdido recuperado no caso do judaísmo. Porém ambos (p. 177): “são muito semelhantes aos que conhecemos na psicopatologia, mas não inteiramente os mesmos”. O retorno do reprimido no espaço social decorre das condições culturais que lhe acrescenta contornos importantes. A ética surge na sociedade devido a consciência de culpa, matamos o pai primordial e isso nos faz infelizes. A religião cristã introduz um elemento nessa infelicidade, o reconhecimento da culpa alivia o sofrimento. Os judeus (p. 182): “não reconheceram que mataram deus, enquanto nós admitimos e fomos purificados dessa culpa”. Dessa forma, Freud concluiu seu texto acreditando haver encontrado as razões pelas quais o povo judeu foi perseguido na História.

Este livro de Freud foi concebido para responder uma questão pessoal de grande significado, entender as razões da perseguição movida ao povo judeu ao longo da História, fato que o nazismo dera cores dramáticas. Para fazê-lo, ele entrou em questões ligadas à formação do povo judeu e em crenças que foram responsáveis pela

sobrevivência e identidade judaicas em situações adversas. E, nessa tarefa, ele foi contra essas crenças e nelas enxergou as razões da perseguição. Talvez, por isso, não tenha percebido a artificialidade de transportar categorias que desenvolveu para o mundo mental na análise de questões sociológicas e religiosas e ainda pior pela extensão antropológica e histórico-cultural com que tratou o tema. Por essa razão, seu texto mereceu críticas de diversos autores, as mais significativas e detalhadas elaboradas pelo filósofo judeu Martin Buber que observou a necessidade de rigor histórico e hermenêutico na abordagem de questões com tamanha amplitude cultural. Como um de nós já chamou atenção no livro *Martin Buber, a filosofia e outros escritos sobre o diálogo e a intersubjetividade*. (São Paulo, Filoczar, 2017, p. 63): “Buber considera *O homem Moisés e a religião monoteísta* superficial e concebido sobre bases frágeis, a interpretação do livro do *Êxodo*, suas explicações sobre o significado da religião, como igualmente as razões elencadas pelo psicanalista para o antissemitismo”. Na abordagem histórica dos fatos narrados no *Êxodo*, Buber desenvolve uma hermenêutica histórica construída em trabalhos como *O Reino de Deus* (1936) e *Os ensinamentos dos profetas* (1942). De modo que ao redigir o livro *Moisés* (1944), onde, entre outras coisas respondeu a Freud, tinha elementos para deixar de lado as tradições javista, eloísta, sacerdotal. Quanto à interpretação histórica Buber, ela assumiu uma metodologia que aprendera de seu mestre Wilhelm Dilthey e se completou com as observações de Paul York Wartenberg. Entre elas a advertência de não utilizar categorias contemporâneas no estudo das antigas manifestações religiosas, pois isso mais falsifica que esclarece o problema. Apesar das críticas que o texto mereceu de filósofos e teólogos, a edição atual apresenta um autor preocupado com problemas humanos, honesto e direto em suas análises. Nesse sentido, suas observações são a de alguém conectado com os problemas de seu tempo e cada vez menos identificado com o racionalismo dos tempos modernos, como já se pensou.

*José Mauricio de Carvalho (Dr.)*  
[josemauriciodecarvalho@gmail.com](mailto:josemauriciodecarvalho@gmail.com)  
UNIPTAN /FAPEMIG

*Thais Caroline Reis de Ávila*  
[thais.carollyne@gmail.com](mailto:thais.carollyne@gmail.com)  
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG

*Wallace Félix Cabral Silva*  
[Wallace-wat@hotmail.com](mailto:Wallace-wat@hotmail.com)  
PIBIC/IPTAN/FAPEMIG